



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**DIEGO SOARES SANCHES**

**O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE  
PRODUÇÃO ESCRITA**

TOMÉ- AÇU/PA  
2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS DE ABAETETUBA/POLO DE TOMÉ-AÇU  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

## **O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa do Campus Universitário de Abaetetuba/Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Doutora Raimunda Dias Duarte

TOMÉ- AÇU/PA  
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S211e Sanches, Diego Soares.  
O ensino gênero textual crônica como estratégia de produção  
escrita / Diego Soares Sanches. — 2018.  
28 f. : il.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Raimunda Dias Duarte  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2018.

1. Gêneros do discurso. 2. Leitura. 3. Crônica. I. Título.

CDD 370

---

DIEGO SOARES SANCHES

**O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE  
PRODUÇÃO ESCRITA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Polo de Tomé-Açu e aprovado em sua forma final em: \_\_\_\_ de março de 2018.

Apresentado à Banca Examinadora composta pelos professores:

---

PROFº Dra. RAIMUNDA DIAS DUARTE  
Orientador

---

PROFº Me. MARÍLIO SALGADO NOGUEIRA  
Examinador

---

PROFº Dra. ROSÂNGELA DO SOCORRO NOGUEIRA DE SOUSA  
Examinador

# O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO ESCRITA

---

Diego Soares Sanches

**RESUMO:** Este artigo apresenta como temática “O Ensino do Gênero Textual Crônica como Estratégia para Produção Escrita”. Tem como objetivo geral desenvolver habilidades de produção escrita no aluno por meio do gênero crônica e objetivos específicos a): entender a função social do gênero crônica; b) conhecer a estrutura do gênero crônica; e c) estabelecer a relação entre a oralidade e a escrita por meio do gênero crônica. O referencial teórico-metodológico está baseado na visão sócio-interacionista de Antunes (2003 e 2009), voltada para a produção escrita; no trabalho com sequência didática segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); nos gêneros do discurso na visão de Marcuschi (2008; 2007) e Bakhtin (1992) e no gênero crônica, embasado em Bender e Laurito (1993), Sabino (1965) e Adam (1990); sobre Tipologia Textual e os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN (2000), que trazem propostas para o ensino de língua pautado no estudo dos gêneros. Espera-se, com este trabalho, que o aluno conheça a estrutura, as características e a função social do gênero crônica; entenda a importância da adequação da linguagem em diferentes contextos sociais e produza uma crônica de forma competente.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Leitura. Crônica.

## INTRODUÇÃO

O ensino de língua portuguesa por meio de gêneros textuais tem recebido muita atenção no campo da educação no Brasil. Isso se deve ao fato de que o texto passou a ser evidenciado no ensino de língua portuguesa como uma unidade de sentido com função social, que se amplia na <sup>concepção</sup> dos gêneros.

Por meio da prática de leitura e da escrita, os alunos desenvolvem conhecimentos textuais, linguísticos e de mundo que lhes possibilitam aprender a usar a língua adequadamente, atentando para as várias formas de uso, respeitando cada contexto social. Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que, para haver participação do indivíduo nas atividades de leitura e escrita, é necessário o domínio da língua como atividade discursiva e cognitiva e o domínio da língua como sistema simbólico.

Foi observado, durante a observação de uma aula de língua portuguesa em uma turma de ... ano de uma escola particular de Tomé-Açu, que o gênero textual ‘crônica’ estava sendo apresentado de maneira muito superficial ao aluno. Pelo que observamos, as explicações foram dadas pelo professor apenas com o auxílio do livro didático (não que o uso

do livro didático seja um problema), para que os alunos fizessem uma produção escrita dentro do gênero crônica. Depois disso, seriam escolhidas as melhores crônicas para fazer parte de um livro de crônicas que circularia pela escola. Contudo, o professor deveria auxiliar o aluno para que ele planejasse suas ideias da melhor forma possível. Outro problema observado foi a forma como o docente lidou com as produções já prontas, pedindo apenas para que o aluno lesse sua crônica para que todos ouvissem.

Diante do exposto, foi elaborada uma proposta de ensino da crônica de forma funcional, para que o aluno conheça a estrutura da crônica e entenda que esse gênero poderá ser constituído de narrativas relacionadas a questões sociais ou até mesmo fatos corriqueiros. O aluno precisa entender que a crônica se constitui de tipos textuais, como narração de histórias do cotidiano, de fatos sociais, de humor, entre outros.

Neste artigo, vamos desenvolver uma sequência didática sobre o título “O ensino do gênero crônica como estratégia de produção escrita”, o mesmo é constituído por 14 aulas, com um total de 6 aulas semanais, sendo o público alvo, alunos do 8 ano do ensino fundamental.

## **1. ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA**

A base foi teoricamente desenvolvida nas reflexões de Marcuschi (2008; 2007) e Bakhtin (1997), que trazem um arcabouço teórico acerca das noções de gênero; Antunes (2003), que faz reflexões acerca das práticas de leitura e escrita no âmbito escolar, bem como nos documentos oficiais da educação, como Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN (2000), que trazem propostas para o ensino de língua pautado no estudo dos gêneros.

A iniciativa deste plano de ensino se deu a partir da necessidade de se investir em práticas de ensino que busquem desenvolver as habilidades de leitura e escritas nos alunos. Para isso, é necessário que o professor se volte para a sua sala de aula como um pesquisador e investigador da sua própria prática, avaliando não só o desempenho dos alunos, mas também o seu próprio desempenho, buscando possibilidades pedagógicas de melhorar o processo de ensino e, dessa maneira, melhorar a aprendizagem dos discentes, bem como aperfeiçoar a expressão oral e escrita do aluno, de modo que o mesmo seja capaz de utilizar com eficácia a linguagem nas diversas situações comunicativas.

Neste trabalho, selecionei a crônica, tendo em vista que esse gênero textual aproxima o aluno dos fatos recorrentes do seu dia-a-dia, permite o desenvolvimento sócio-discursivo e promove o posicionamento crítico dos discentes diante dos problemas.

## 1.1 GÊNEROS TEXTUAIS

A ideia de Bakhtin (1999) de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual é adotada por vários autores que tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos. Esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua. Bakhtin (1999) ainda afirma o caráter de indeterminação e, ao mesmo tempo, de atividade constitutiva da língua, o que equivale a dizer que a língua não é vista como um espelho da realidade, nem como um instrumento de representação dos fatos.

Muitos estudantes possuem dificuldades para escrever um texto, porém, expressar-se oralmente é algo que acontece de forma natural. Em sala de aula, a linguagem deve ser trabalhada de forma a que se conheçam seus significados culturais e sociais.

Muitos professores não trabalham o texto dentro de uma concepção sócio-interacionista de linguagem centrada na interlocução.

Quando se entende que a principal função do texto é a interlocução, a abordagem textual deve reconhecer as diversidades existentes em tipos de textos, as características que os formam e o contexto em que eles são usados [...] (CALDAS, 2007, p.2).

Entendendo-se que o texto tem como função principal a interlocução, é necessária uma abordagem textual que reconheça as diversidades existentes em gêneros de textos, suas características e funções.

Do ponto de vista interacionista, a leitura pode ser considerada um processo de construção de sentidos, em que o próprio leitor terá uma relação dialógica com o texto. Diante disto, cabe ao professor, em sala de aula, levar o aluno a perceber as vozes que existem em cada texto e tomar atitude responsiva diante delas. O professor deve fazer com que o aluno perceba que existem os gêneros do discurso e os tipos textuais, para que o mesmo possa se apropriar com mais facilidade do gênero que está sendo estudado em questão e que podem ser: Narrativo, Descritivo, Argumentativo, Injuntivo e Expositivo.

A tese defendida por Marcuschi (2008) é a de que a comunicação verbal só é possível por meio de algum gênero. Para o autor, gênero textual pode ser entendido como:

Os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sócio comunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Desse modo, os gêneros textuais teriam um número grande de possibilidades, visto que em cada situação comunicativa, oral ou escrita, produzimos algum gênero com uma especificidade, um objetivo diferente e que auxiliam para nos expressarmos de diversas maneiras. Assim, os gêneros, para Marcuschi (2007), são formas textuais, estáveis, sociais e historicamente situadas.

Ainda na perspectiva desse linguista, os gêneros devem ser vistos como entidades dinâmicas, logo são modos culturais e cognitivos de ação social materializadas pelo indivíduo de modo peculiar na linguagem. Como exemplos de gêneros do discurso, temos: a carta pessoal, a lista de compras, o cartaz, o romance, etc. São inúmeras formas textuais escritas ou orais estáveis, da mesma forma que são inúmeras as práticas sociais a que elas servem.

O trabalho com gêneros textuais na escola pressupõe um modo próprio de se relacionar com a linguagem e com o currículo da língua portuguesa. Se a comunicação se realiza por intermédio dos textos, deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa. A melhor alternativa para trabalhar o ensino de gêneros textuais é envolver os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. É necessário ter a consciência de que a escola é um autêntico lugar de comunicação e as situações escolares são ocasiões de produção e recepção de textos. Ensinar um gênero pressupõe um convívio anterior com ele, ou seja, para que o aluno seja capaz de produzir determinados gêneros, é imprescindível que tenha um contato prévio e que esse contato não seja superficial e baseado somente na identificação de informações óbvias. Toda vez que o aluno for até o texto, ele deve buscar e encontrar informações além do que está escrito. A partir do processo de leitura, ele deverá ser capaz de realizar inferências e estas deverão, aos poucos, fazer parte das competências adquiridas pelos alunos.

Segundo BAKHTIN (1992), os gêneros podem ser divididos em dois grupos: gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários fazem parte da situação cotidiana como bilhetes, cartas etc. Os gêneros secundários exigem uma linguagem mais oficializada, uma linguagem onde o autor se preocupa com aquilo que está sendo produzido, como o romance e o artigo científico.

## 1.2 Os Tipos textuais

Segundo Adam (1990), tipologia Textual é composição linguística que tem como característica a predominância de certas estruturas sintáticas, tempos e modos verbais, classes gramaticais, combinações etc., de acordo com sua função e intencionalidade no interior do gênero textual. Se os gêneros textuais são inúmeros, a tipologia textual é limitada. São tipos textuais, segundo Adam (1990): Narrativo, Descritivo, Argumentativo, Injuntivo e Expositivo. Narrativo: tem como função narrar uma história, real ou não, que acontece em um tempo e espaço, com personagens, foco narrativo, clímax, desfecho, entre outros elementos (crônicas, fábulas...). Descritivo: descreve objetivamente ou subjetivamente coisas, pessoas ou situações (laudo, relatório, ata...). Argumentativo: tem como estratégia convencer o leitor por meio de argumentos (ensaio, carta argumentativa...). Injuntivo: serve para instruir e orientar o leitor, utilizando verbos no imperativo, no infinitivo ou presente do indicativo, sempre indeterminando o sujeito (manual de instruções, receitas.. ). Expositivo: tem por finalidade apresentar informações sobre um objeto ou fato específico, enumerando suas características por meio de uma linguagem clara e concisa (reportagem, resumo, fichamento...).

Na intenção de colocar o estudo do gênero como estratégia de ensino, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 49) propõem as seguintes prioridades em relação aos alunos:

Prepará-los para dominar a língua em situações variadas, fornecendo-lhes instrumentos eficazes; Desenvolver nos alunos uma relação com o comportamento discursivo consciente e voluntário, favorecendo estratégias de auto-regulação; Ajudá-los a construir uma representação das atividades de escrita e de fala em situações complexas, como produto de um trabalho e de uma lenta elaboração.

Uma vez solicitado o texto para um aluno, este deve ter ciência de algumas questões que facilitarão o seu processo de escrita. É importante pensar em para quem se escreve? Porque se faz? Qual a real necessidade de fazê-lo? O que o leitor efetivamente conhece sobre o tema? O que pensa dele, como se fazer compreender? Como usar a língua na produção desse texto? Como o texto solicita uma ou outra estratégia de leitura? A partir do momento que o aluno tem conhecimento do gênero a ser produzido, este não se torna tão complicado, o segundo passo é demonstrar para o aluno que o texto que ele produzirá terá uma funcionalidade, e, principalmente, a proposta deve ser clara e objetiva.

## 2. O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA

A palavra crônica, do latim *chronica* e do grego *khronos*, significa tempo. O significado principal que acompanha esse gênero é justamente o conceito de tempo, que são fatos narrados em uma ordem cronológica. Sendo assim, a crônica objetiva relatar um ou mais acontecimentos do cotidiano em determinado tempo. A crônica é uma narrativa histórica que expõe os fatos seguindo uma ordem cronológica. A crônica considerada uns dos mais antigos gêneros jornalísticos. Utiliza um texto curto de uma linguagem simples e coloquial que costuma abordar assuntos do cotidiano. Segundo Bender e Laurito (1993, p.11), o termo “mudou de sentido em sua evolução, mas nunca perdeu os vínculos com o sentido etimológico que lhe é inerente e que está em sua formação”. Os autores acrescentam que “a palavra crônica, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de fatos e acontecimentos históricos” (BENDER E LAURITO, 1993, p.12). Assim, a crônica pode levar o leitor do mundo real para o mundo da fantasia, da imaginação.

A crônica é o relato ou comentário de fatos corriqueiros do dia-a-dia dos fatos diversos, fatos da atualidade que alimentam o noticiário dos jornais, desde que esses se tornaram instrumentos de informação de grande tiragem no século passado. Arriguci Júnior (1987, p.52)

Conforme já foi dito, as crônicas tratam da realidade, com linguagem despretensiosa e temas simples. Geralmente, o autor utiliza poucos personagens e, em alguns casos, nenhum. O que importa mesmo, nesses textos, é a narração de algo que ocorre no dia-a-dia das pessoas. Sabino (1965, p.174) afirma que o texto da crônica é “recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência que a faz mais digna de ser vivida [...]”.

A crônica é um gênero textual de tipo narrativo que surgiu no início do século XIX, na época da escola literária modernista, a partir de publicações em folhetins. Tinha por principal finalidade distrair os leitores, proporcionando-lhes momentos de distração através da imaginação e da reflexão sócio- crítica.

A crônica é veiculada em diversos suportes textuais como: nas mídias impressas, eletrônicas e televisivas, mas principalmente, nos livros didáticos. Por ser um texto curto, leve, de fácil compreensão, agradável, sedutor, a crônica é frequentemente utilizada em sala de aula e contribui para despertar no educando o gosto pela leitura autônoma, crítica e reflexiva.

### 3. A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Segundo Antunes (2003, p.54), “a escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões.”. A obtenção de um “bom texto” depende do trabalho que se realiza previamente, durante e após a sua escrita, ele “não acontece gratuitamente, por acaso, sem ensino, sem esforço, sem persistência. Supõe orientação, vontade, determinação, exercício, prática, tentativas [...]. Exige tempo, afinal” (ANTUNES, 2003).

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto. As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) sugerem a sequência didática como uma das possibilidades para explorar a leitura e escrita de gêneros textuais nas atividades propostas. Para eles, uma “sequência didática é um conjunto de atividades escolares sendo que as mesmas serão organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 97). Segundo os autores, a sequência didática é formada por quatro componentes essenciais no processo de ensino aprendizagem: a apresentação da situação; a primeira produção; os módulos e a produção final (2004, pp. 99-107). Segue a explicitação desses componentes.

#### 3.1 Apresentação da situação

Na apresentação da situação, o professor deve preparar os alunos para a produção inicial, bem como apresentar o projeto de comunicação que se concretizará na produção final. Permite aos estudantes visualizar a situação comunicativa em que deverão interagir e a atividade de linguagem que irão realizar. Nesta etapa, é essencial que fique bastante especificado qual o gênero textual que está sendo trabalhado, a quem ele se destina, que forma assumirá a produção e quem participará dela, para facilitar o processo pelo qual o docente pretende percorrer. É necessário também preparar e selecionar de maneira clara e objetiva os conteúdos dos textos que serão produzidos, para que os alunos percebam sua importância dentro do gênero que será estudado e que os mesmos estejam cientes dos temas que irão trabalhar.

### **3.2 A primeira produção**

A primeira produção permite ao professor avaliar quais são os conhecimentos que o aluno possui sobre o gênero que está sendo proposto e o assunto abordado, bem como fornece elementos para definir quais as atividades que serão utilizadas nos módulos.

### **3.3 - Os módulos**

Os módulos servem para habilidades importantes para o domínio do gênero textual que está sendo trabalhado e possibilitam sua apropriação por parte do aluno, preparando-o para a produção final. Fornecem os instrumentos necessários para que o aluno supere as dificuldades constatadas na primeira produção. Nesta etapa, a atividade de produção textual é decomposta, a fim de que seus diversos elementos sejam explorados isoladamente. Os módulos são flexíveis e adaptáveis, portanto podem ser adaptados de acordo com a necessidade da turma e da sequência que o mesmo pretende produzir, e é através deles que o professor realizar atividades baseadas na produção inicial de cada aluno. No que diz respeito aos módulos, os autores apresentam as seguintes sugestões:

a) trabalhar problemas de níveis diferentes – a representação da situação comunicativa, a pesquisa, organização ou criação dos conteúdos, o planejamento do gênero e sua produção;

b) diversificar as atividades – observação e análise de textos e tarefas simplificadas de produção textual;

c) capitalizar as aquisições – ao final dos módulos, é organizada uma síntese dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual que está sendo trabalhado ao longo da sequência didática.

### **3.4 A produção final**

A produção final é o momento em que o aluno fará uso dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero textual e dos procedimentos organizados nos módulos para nortear a produção, a revisão e a reescrita de seu texto. É onde o aluno realiza uma síntese dos conhecimentos adquiridos e essa síntese poderá servir para que o professor possa realizar uma avaliação formativa.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), optar por trabalhar gêneros textuais na escola possibilita uma diversidade de objetivos para o processo da aprendizagem. E o uso da crônica na escola pode ser uma estratégia eficaz na formação de leitores competentes de Língua Portuguesa.

#### 4 ORGANIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Apresenta-se a seguir, uma proposta de sequência de atividades voltadas para leitura e escrita do gênero crônica.

##### 4.1 CONTEÚDO

CONTEUDO	OBJETIVO	HABILIDADES
Gênero textual	Entender as características dos gêneros textuais	Espera-se que o aluno entenda a importância de se utilizar os gêneros textuais.
Uso da linguagem formal e informal dentro do texto	Entender as marcas de registro do texto formal e informal	
Características do gênero textual crônica	Conhecer a função social, a estrutura e as características do gênero crônica.	Que o aluno possa entender a estrutura e as características presentes no gênero.
Figuras de linguagem	Entender a função discursiva das figuras no texto	Espera-se que o aluno perceba a importância dos recursos estilísticos na produção de uma crônica.
Estudo da crônica a partir da notícia	Perceber os diferentes tipos de crônicas criadas a partir de notícias.	Saber diferenciar a notícia da crônica.
Procedimentos de produção, reescrita e revisão de texto. Produção final	Possibilitar ao aluno transpor as capacidades adquiridas no desenvolvimento das atividades para a produção final de uma crônica e permitir ao professor realizar uma avaliação formativa	Espera-se que o aluno adquira habilidades de produção escrita, correção e reescrita do texto.

##### 4.2 Descrição das atividades da sequência didática

###### 1º Dia (duas aulas de 45 minutos cada):

(Apresentação da situação) Nesta aula, primeiramente serão apresentados os conceitos sobre gêneros textuais, assim como a estrutura e características do gênero crônica. Será constituída de atividades de compreensão e produção de crônicas. Na conclusão da SD, será feita a apresentação dos trabalhos produzidos. A SD tem como objetivos possibilitar ao aluno a

apropriação do gênero crônica com vistas a sua produção escrita, incentivar a capacidade leitora por meio dos conhecimentos gerais sobre o que são gêneros textuais.

Primeiro contato com uma crônica (Na ponta do nariz) (VER EM ANEXO)

1ª etapa: (Apresentação da situação)

Incentivar a capacidade leitora: conhecimentos prévios sobre o gênero e o primeiro contato com uma crônica.

-Roda de conversa para viabilizar o estabelecimento de conhecimentos prévios sobre gêneros textuais e aproximar os alunos das relações entre gêneros e sociedade:

O que são gêneros textuais? Onde podemos encontrá-los?

Que gêneros você conhece?

- Quem já leu uma crônica?
- Onde encontramos esse gênero textual?
- Esse título “Na ponta do nariz” chama a atenção do leitor? O que ele sugere?
- Pelo título deu para imaginar o assunto da crônica?

2ª etapa: Aproximar os alunos de gêneros textuais como, por exemplo, o convite, e apresentar as diferenças entre linguagem formal e informal. O professor irá pedir para que os alunos escrevam um recado convidando um amigo e o professor deles para seu aniversário. Isso possibilitará ao aluno perceber que a forma como ele se reporta ao amigo é diferente da forma como se dirige ao professor e que a linguagem poderá ser formal ou informal, dependendo do contexto de uso. Depois, os alunos socializarão as produções.

Cada aluno fará a leitura do seu convite. Em seguida, o professor irá discutir, com os alunos, as questões abaixo, mostrando os elementos linguísticos que caracterizam a linguagem formal e a linguagem informal:

- Qual a diferença entre linguagem formal e informal?
- Como identificar as características da linguagem formal e informal por meio dos elementos linguísticos?
- A forma como você escreveu o convite para o seu colega foi a mesma usada para escrever o convite para o professor? Por quê? Qual a diferença entre os dois registros?

**2º Dia (duas aulas de 45 minutos cada):**

(Produção inicial)

Apresentar a estrutura e as características da crônica, que é gênero de caráter reflexivo e interpretativo, que parte de um assunto do cotidiano, apresenta marcas de subjetividade, discurso na 1ª e 3ª pessoa; comporta diversos modos de expressão. Em seguida solicitar que os alunos produzam um texto relacionado a um fato ocorrido no cotidiano, o tema pode ser escolhido por cada aluno.

**3º Dia (duas aulas de 45 minutos cada):**

**Módulo I:** Fazer a leitura e interpretação do texto “Na ponta do nariz”.

Discussão dos elementos que existem no gênero crônica. Apontar esses elementos na crônica ‘Na ponta do nariz’.

Analisar a crônica ‘Na ponta do nariz’

O professor discutirá sobre o gênero crônica através da crônica ‘na ponta do nariz’. Mostrará que, dependendo de sua finalidade, a crônica poderá apresentar-se apenas como uma narração do cotidiano ou pode ser argumentativa, tratando de algum tema social.

**Módulo II:** Reconhecer os elementos presentes na Crônica

Após conhecer a estrutura da crônica, o professor dividirá a turma em grupos para a confecção de um cartaz com os elementos contidos na crônica estudada.

- Título sugestivo;
- Cenário;
- Foco narrativo (autor personagem ou autor observador);
- Quantas personagens? Inventadas ou não? O autor é uma delas?
- Enredo (narra um acontecimento do dia a dia);
- Tipo da crônica (poético, humorístico, irônico, crítico ou reflexivo);
- Linguagem coloquial;
- Desfecho.

**4º dia (duas aulas de 45 minutos cada):**

**Módulo III:** Apresentar as figuras de linguagem existentes em crônicas (comparação, metáfora, catacrese, metonímia, personificação, hipérbole, sinestesia, antítese, ironia, eufemismo).

1ª etapa: Leitura e Interpretação do texto ‘A última Crônica’.

-Roda de conversa:

- A narrativa transmite sentimento e/ou emoção ou apenas descreve um fato? Justifique.
- O tipo da crônica está bem escolhido e adequado à situação? Justifique.
- Qual o foco narrativo (1ª pessoa ou 3ª pessoa)?

Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo cronista no texto ‘a última crônica’.

2ª etapa: Explicar sobre as figuras de linguagem. Analisar o valor discursivo das figuras de linguagem na crônica sob análise.

3ª etapa: Compreensão e interpretação do texto a última crônica’.

“A última crônica”, de Fernando Sabino. (VER EM ANEXO)

Questionamentos:

- Qual o objetivo da crônica?
- Que outras interpretações o título do texto sugere? Converse com os colegas sobre um possível novo título para a crônica.

Em seguida os alunos irão socializar os títulos escolhidos.

### **5º dia (duas aulas de 45 minutos cada):**

Crônica a partir da notícia.

1ª etapa: Da notícia à crônica: Cereja (2012, p. 101) afirma que a crônica consiste em um comentário pessoal sobre uma notícia, conforme mostram os textos a seguir:

Leitura da notícia que gerou uma crônica do escritor Moacyr Scliar: (VER EM ANEXO)

O professor irá questionar os alunos sobre como eles imaginam uma crônica produzida a partir dessa notícia.

O professor irá solicitar que os alunos procurem na notícia qual parte da será utilizada para ser colocada antes da crônica. E na visão dos alunos quais fatos relevantes dessa notícia poderiam ser utilizados para criar uma crônica;

Após os alunos terem lido a notícia e pensado em quais informações poderiam ser utilizadas para produzir uma crônica, o professor entregará o TEXTO 2 para cada aluno, o texto 2 é a crônica produzida a partir da notícia. Os alunos lerão a crônica, procurando identificar se nela foram abordados os fatos esperados e também se a parte que eles haviam previsto foi utilizada antes da crônica.

TEXTO 2 – CRÔNICA (VER EM ANEXO)

2ª etapa: Roda de conversa: O que podemos concluir?

- Como assuntos do cotidiano podem ser pontos de partida para a produção de uma crônica?
- A partir de uma notícia, podemos produzir uma crônica? Por quê?
- O que diferencia esses dois gêneros textuais?

O professor explicará ao aluno que a crônica difere da notícia, porque, embora utilizando o jornal ou a revista como meio de comunicação, não tem por finalidade principal informar o destinatário, mas refletir sobre o acontecido. Desta finalidade resulta que, neste tipo de texto, podemos ler a visão subjetiva do cronista sobre o universo narrado. Assim, o foco narrativo situa-se invariavelmente na 1ª pessoa.

O professor deverá pedir que os alunos tragam para a próxima aula notícias impressas em jornais ou digitais. Motivar os alunos a sair em busca de notícias instigantes (casos policiais, fatos do dia a dia, situações pitorescas).

#### **6º dia (duas aulas de 45 minutos cada):**

1ª etapa: O aluno deve utilizar o material que trouxe e que discutiu na aula anterior e utilizá-lo como material para a produção de sua crônica:

-Reservar os primeiros 45 minutos para o aluno produzir a crônica.

2ª etapa: Após a produção, o professor pedirá a seus alunos que façam uma roda e que troquem seus textos com o colega, para que estes possam trabalhar na função de revisores dos textos. Em seguida, os textos voltarão para seus respectivos autores para que estes possam fazer a leitura silenciosa da sua produção textual com as sugestões dos revisores para avaliar se concordam ou não com as observações feitas pelo colega. O professor deverá possibilitar a dinâmica de consulta e conversa com o colega que realizou as observações no texto.

Depois da produção, roda de conversa para avaliar a seguinte questão:

- Ao escrever, o aluno procurou ir além do fato noticiado, criando uma narrativa que revele sua visão pessoal do acontecimento? Justifique.

-Questões para avaliar na crônica produzida.

- De que forma o texto transmite a emoção do autor, despertando a imaginação, envolvendo o leitor?

- A escrita do texto está de acordo com o tipo de autor (autor personagem ou autor observador)? Justifique.

-Ouvir os comentários e as contribuições dos alunos.

**7ª dia (duas aulas de 45 minutos cada)**

Reescrita do texto.

Trabalhar, com o aluno, o processo de avaliação do seu próprio texto e a reescrita do texto para ele chegar ao texto final. O professor também deve avaliar o texto do aluno.

Para que os alunos demonstrem se conseguiram assimilar, de fato, todo o trabalho realizado em torno dos gêneros textuais e, em particular, do gênero “Crônica” desenvolvido nas etapas anteriores, o professor irá solicitar a reescrita do texto.

Os alunos serão avaliados desde o início do processo de produção: leitura, produção e divulgação do trabalho. O professor deverá observar se o aluno se apropriou do gênero proposto, bem como avaliará o interesse, a participação e o envolvimento do aluno no processo de produção.

Cada aluno reescreve o seu próprio texto, fazendo as alterações necessárias.

Propor aos alunos que leiam, olhem novamente para a crônica que escreveram, a gora com olhar crítico, antes de passar a limpo. Orientar os alunos no que eles precisarem. Socializar os trabalhos produzidos em sala de aula.

Será criado, com a participação dos alunos, um varal de crônicas para que as crônicas produzidas sejam expostas na escola, afim de que outros alunos possam ter contato com os trabalhos produzidos pelos colegas.

**5. AVALIAÇÃO E QUADRO DE ATIVIDADES**

A avaliação pode se dar durante todo o processo, com base nas metodologias propostas, que podem ser verificadas por meio da aplicação de exercícios, provas, atividades individuais e/ou grupais, pesquisas de campo e observação periódicas registrada em diários de classe. O professor irá avaliar se o a crônica produzida pelos alunos está adequada às características e a estrutura do gênero estudado. A última atividade permite que se veja se os alunos compreenderam a estrutura da crônica e se conseguem construir um texto com as características desse gênero.

(ver grade de avaliação no anexo A).

### Quadro de atividades

ATIVIDADES	OBJETIVOS
<p style="text-align: center;">1º. DIA</p> <p>Conhecimentos prévios sobre os gêneros textuais e como são divididos e o primeiro contato com uma crônica</p> <p>- Roda de conversa: identificação do gênero, autor, obra e suporte. Diferenças entre linguagem formal e informal</p>	<p>- Incentivar a capacidade leitora: - Desenvolver conhecimentos prévios sobre o gênero, com foco na crônica.</p> <p>- Distinguir a linguagem formal da informal</p>
<p style="text-align: center;">2º. DIA</p> <p>Produção inicial de um texto baseado em um tema do cotidiano</p>	<p>Avaliar a produção inicial de cada aluno</p>
<p style="text-align: center;">3º. DIA</p> <p>Apresentar a estrutura e as características do gênero crônica.</p> <p>Fazer a leitura e interpretação do texto “Na ponta do nariz”.</p>	<p>Aproximar os alunos do gênero textual crônica e distinguir os estilos desse gênero.</p> <p>Discutir dos elementos que existem no gênero crônica através da crônica “NA PONTA DO NARIZ”.</p>
<p style="text-align: center;">4º DIA</p> <p>Apresentar as figuras de linguagem existentes em crônicas</p> <p>Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo cronista no texto ‘a última crônica’</p>	<p>Reconhecer as figuras existentes em uma crônica.</p> <p>Explorar os elementos constitutivos de uma crônica e os recursos literários utilizados pelo cronista.</p>
<p style="text-align: center;">5º DIA</p> <p>Leitura da notícia que gerou uma crônica do escritor Moacyr Scliar: Da Reportagem local</p> <p>Os alunos lerão a crônica Desistindo do natal procurando identificar se nela foram abordados os fatos esperados e também se a parte que eles haviam previsto foi utilizada antes da crônica.</p>	<p>Utilizar uma notícia de jornal para que o aluno possa perceber que a crônica pode ser feita através da notícia.</p>
<p style="text-align: center;">6º DIA</p> <p>Escolher uma notícia de jornal e utilizá-la como material para a produção de crônica.</p>	<p>Privilegiar a capacidade leitora do aluno e chamar a atenção para fatos do cotidiano que merecem uma crônica.</p>

	Motivar a turma a sair em busca de fatos instigantes (noticias policiais, fatos do dia a dia, situações pitorescas).
<p>7º DIA</p> <p>Produção final de uma crônica</p> <p>Reescrita individual do texto.</p> <p>Publicação do livro da turma “Crônicas do mundo (in) real: o cotidiano na narrativa literária” com algumas produções escritas de cada aluno</p>	<p>Possibilitar ao aluno transpor as capacidades adquiridas no desenvolvimento das atividades para a produção final de uma crônica e permitir ao professor realizar uma avaliação formativa.</p> <p>Fazer com que o aluno revise aquilo que produziu.</p> <p>Divulgar o trabalho de escrita através do gênero crônica.</p>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresenta-se uma proposta de ensinar o gênero textual crônica por meio de uma sequência didática. É importante trabalhar a crônica em sala de aula, pois ela faz parte do contexto comunicativo dos alunos. Além disso, seu estudo, quando mediado pela ação adequada e dinâmica do professor, contribui para o aprimoramento das competências de leitura e escrita.

Os gêneros textuais estão presentes em todas as interações comunicativas. Assim, as atividades relacionadas à linguagem devem estar relacionadas ao estudo de diferentes gêneros. Formar leitores através do estudo de gêneros, é fundamental para que o aluno amplie o seu nível de conhecimento linguístico, adquirindo maior habilidade no ato de escrever, ler, ouvir e falar.

Espera-se, com este trabalho, que o aluno: conheça a estrutura, as características e a função social do gênero crônica; entenda a importância da adequação da linguagem em diferentes contextos sociais e produza uma crônica de forma competente. Espera-se, também, contribuir de forma inovadora para a produção do conhecimento e para ampliação das oportunidades de letramento e aprimoramento das habilidades de leitura e escrita e para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

- ADAM, J. M.** *Elements de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga, 1990.
- ANTUNES, Irandé.** Aula de Português: *encontro e interação* – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé.** Língua, texto e ensino: *outra escola possível*– São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ARRIGUCI JR., David.** Fragmentos sobre a crônica. In: Enigma e comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail M.** *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, M. M.** Estética da Criação Verbal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENDER Flora e LAURITO Ilka.** Crônica: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.
- CALDAS, Lilian Kelly.** Trabalhando tipos/gêneros textuais em sala de aula: uma estratégia didática na perspectiva da mediação dialética. 2007.
- DOLZ, J. ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B.** Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros Oraís e escritos na escola. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.
- GARCEZ, Lucília H. do Carmo.** Técnica de Redação. O que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio.** Da fala para a escrita: atividades de retextualização. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio.** Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SABINO, F. et al.** Para gostar de ler: crônicas. São Paulo: Ática, 1978.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.** Gêneros orais e escritos na escola. Tradução Roxane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- Ministério da Educação e Cultura.** Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Brasília: MEC/SEF, 2000.
- O GÊNERO TEXTUAL CRÔNICA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA VOLTADA AO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA** Vanilda Salton Köche<sup>1</sup> Adiane Fogali Marinello.  
 <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0912200527.html>  
 <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1912200502.html>

## ANEXOS

### ANEXO A

#### GRADE AVALIATIVA

<b>Grade Avaliativa</b>		
Avaliação da Primeira Produção (3ª e 4ª aulas)	SIM	NÃO
Os alunos compreenderam as características básicas de uma crônica?		
Os alunos produziram uma crônica? Quantos alunos? _____.		
Os alunos conseguiram colocar o texto em ordem cronológica dos fatos?		
Os alunos conseguiram estabelecer um espaço e o foco narrativo na crônica?		
Avaliação do Módulo I – Interpretação do texto Na ponta do nariz (5ª e 6ª aulas)	SIM	NÃO
O aluno localizou as principais características presentes na Crônica?		
O aluno reconheceu a estrutura utilizada pelo autor?		
O aluno citou as informações presente nas respostas do entrevistado correspondente às perguntas do entrevistador?		
O aluno citou as frases de despedida utilizadas pelo entrevistador?		
O aluno identificou o nível de formalidade predominante na linguagem presente no texto? Quantos alunos? _____.		
O aluno deu sua opinião pessoal sobre o assunto abordado na crônica? Quantos alunos? _____.		
Avaliação do Módulo III– Figuras de Linguagem (7ª e 8ª aulas)		
Os alunos identificaram as figuras presentes na crônica?		
Os alunos conseguiram analisar o valor discursivo das figuras presentes no texto?		
Os alunos deram opiniões sobre a importância de se utilizar as figuras na produção do texto? Quantos alunos? _____.		
Avaliação da 1ª etapa do 4ª dia – Crônica a partir da notícia (9ª e 10ª aulas)		
	SIM	NÃO

Os alunos conseguiram identificar as diferenças entre notícia e crônica? Quantos alunos? _____.		
Os alunos conseguiram localizar na notícia fragmentos que podem servir como base para produção de uma crônica? Quantos alunos do? _____.		
Avaliação da 1ª etapa do 5ª dia produção escrita (11ª e 12ª aulas)		
	SIM	NÃO
O aluno leu o material selecionado?		
O aluno identificou conteúdos relevantes para produzir a crônica?		
O aluno conseguiu delimitar um tema para seguir na sua produção?		
Os alunos fizeram a transcrição da entrevista conforme as normas para transcrição de entrevistas gravadas?		
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Sem utilização da pontuação típicas da norma escrita? _____.</li> <li>✓ Souberam fazer combinações de sinais? _____.</li> <li>✓ Demais regras? Quais? _____.</li> </ul>		
Avaliação final– Reescrita (13ª e 14ª aulas)		
	SIM	NÃO
Os alunos adaptaram o texto oral às normas do registro linguístico padrão?		
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ortografia? _____.</li> <li>✓ Concordância verbal e nominal? _____.</li> <li>✓ Regência verbal e nominal? _____.</li> <li>✓ Colocação pronominal? _____.</li> <li>✓ Flexão de nomes e verbos? _____.</li> <li>✓ Uso dos tempos e modos verbais? _____.</li> </ul>		
Os alunos fizeram uso das operações mais recorrentes no processo de retextualização?		
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Eliminação de marcas interacionais (hesitações e partes de palavras)? _____.</li> <li>✓ Introdução de pontuação? _____.</li> <li>✓ Retirada de repetições, redundâncias e paráfrases? _____.</li> </ul>		
Os alunos construíram o texto escrito de forma coesa e coerente?		
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática em função da norma escrita? _____.</li> </ul>		

## ANEXO B

“A última crônica”, de Fernando Sabino.

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu últimopoema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho, um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha

aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim. São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura, ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido, vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

## ANEXO C

### Na ponta do nariz

Tiago chateado chegou perto da mãe, dizendo que estava com um problema muito grave e justo no dia em que Daniela, a menina mais bonita da turma ia visitá-lo. Dona Iara tentou acalmá-lo, explicando que muitos garotos já passaram pelo mesmo problema.

Quando a mãe, dando por resolvido o problema, ia se afastando, Tiago voltou à carga:

– Se a senhora pensa que está me convencendo, enganou-se. E não vá saindo de mansinho, que meu problema ainda não está resolvido.

Ela quase riu. Disposta a continuar a conversa com o filho, dona Iara aproximou-se dele:

- Está bem, Tiago. Vamos resolver seu problema!
- Como?
- Não sei. Talvez passando um pó... ou algo parecido.
- Você está louca?
- Um pedaço de esparadrapo ou band-aid.
- Ficou pior.
- Quer que eu te leve ao médico?
- Também não é tão grave assim!
- Que tal pegar um lençol e fazer dois furos?
- Gozação, mãe? Eu tô sofrendo!

Ela não respondeu. Silêncio. Momento de decisão.

– Você quer que eu resolva? (mostrando os polegares) Resolvo já. Venha cá e pare com isso de uma vez!

Nesse momento, um som estridente de campainha invadiu o cômodo onde conversavam, interrompendo-os.

– Chiii... É ela!

Silêncio.

De novo a campainha irritante.

– Quer que eu vá lá e diga que você não está?... Que você não está bem e não pode fazer o trabalho?...

Ele arregalou os olhos e respondeu apressadamente:

– De jeito nenhum! Por nada deste mundo!

Em seguida foi ao banheiro, aproximou-se do espelho e mirou-se desanimado. Seu rosto redondo, cheio de saúde, apareceu refletido no cristal. E ali, bem na ponta de seu nariz, bem vermelha, redonda e exibida, uma enorme e primeira espinha a enfeitar-lhe a extremidade. Feito um vulcãozinho colorido; na ponta da estufada e redonda espinha vermelha, uma pontinha amarela. Bonita até, se não fosse no nariz dele.

Tiago respirou fundo, acariciou levemente a saliência e saiu em direção à porta.

– Com espinha ou sem espinha, lá vou eu.

E foi. Carregando consigo seu enorme problema, uma primeira e saliente espinha na ponta do nariz. Junto do problema, uma grande delícia: fazer um trabalho de classe com a menina mais querida da turma.

## ANEXO D

### TEXTO 1 - NOTÍCIA

#### **32% dos brasileiros não vão comprar nada no Natal**

##### Da Reportagem local

Às vésperas do Natal, aumentou em 60% o percentual de consumidores no país que não pretendem comprar nada para comemorar a data neste ano.

Segundo pesquisa do instituto Ipsos encomendada pela ACSP (Associação Comercial de São Paulo), 32% dos consumidores não pretendem fazer compras neste Natal. Em agosto último, o percentual era de 20%.

Entre as pessoas mais velhas, acima de 60 anos, o percentual dos que não devem ir às compras é ainda maior: 52%.

Dos que pretendem ir às compras neste mês por causa do Natal, a maioria (52%) planeja gastar seu dinheiro com artigos de vestuário e calçados.

A pesquisa nacional foi realizada em 70 municípios de nove regiões metropolitanas do país e ouviu um total de mil pessoas.

O levantamento revelou ainda que 66% dos entrevistados não receberão o 13º salário no ano.

Dos que vão receber, 48% usarão o dinheiro para pagar dívidas.

Para o presidente da ACSP, Guilherme Afif Domingos, o fato de 66% dos entrevistados terem afirmado que não receberão o 13º é um forte indicativo do tamanho da informalidade na economia.

Sobre o salto no percentual dos que não pretendem comprar nada para o Natal, Afif diz que o comércio já vinha se antecipando a uma retração nas vendas ampliando os prazos dos crediários.

"O problema é que o crediário também já não cabe mais no orçamento apertado", diz Afif.

A pesquisa mostrou ainda uma queda -de 13% em outubro para 9% em novembro- do número de pessoas que assumiram um novo crediário.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0912200527.htm>>

## ANEXO E

### Desistindo de Natal

Segundo pesquisa do instituto Ipsos, encomendada pela Associação Comercial de São Paulo, 32% dos consumidores não pretendem fazer compras neste Natal.

Folha Dinheiro, 9 de dezembro de 2005



"Prezado Papai Noel: há uma semana eu lhe mandei uma carta com a lista dos meus pedidos para o Natal. Agora estou mandando esta outra carta para dizer que mudei de ideia. Não vou querer nada. Ontem o papai nos avisou que não tem dinheiro para as compras do fim de ano. Papai está desempregado há mais de um ano. A gente mora numa cidade pequena do interior, muito pobre. No Natal passado, o prefeito anunciou que tinha um presente para a população: uma grande fábrica viria se instalar aqui, dando emprego para muitas pessoas. Meu pai ficou animado. Ele é um homem trabalhador, sabe fazer muitas coisas e achou que com isso o nosso problema estaria resolvido. Agora, porém, o prefeito teve de dizer que a fábrica não vem mais. Não entendo dessas coisas, mas parece que a situação está difícil.

Portanto, Papai Noel, peço-lhe desculpas se o senhor já encomendou as coisas, mas infelizmente vou ter de desistir. Para começar, não quero aquela bonita árvore de Natal de que lhe falei - até mandei um desenho, lembra? Nada de pinheirinho, nada de luzinhas, nada de bolinhas coloridas. A verdade, Papai Noel, é que essas coisas só gastam espaço e, como disse a mamãe, gastam muita luz.

E nada de ceia de Natal, Papai Noel. Nada de peru. Como eu lhe disse, nunca comi peru na minha vida, mas acho que não vai me fazer falta. Se tivesse peru, eu comeria tanto que decerto passaria mal. Portanto, nada de peru. Aliás, se a gente tiver comida na mesa, já será uma grande coisa.

Nada de presentes, Papai Noel. Não quero mais aquela bicicleta com a qual sonho há tanto tempo. Bicycletas custam caro. E além disso é uma coisa perigosa. O cara pode cair, pode ser atropelado por um carro... Nada de bicicleta.

Nada de DVD, Papai Noel. Afinal, a gente já tem uma TV (verdade que de momento ela está estragada e não temos dinheiro para mandar consertar), mas DVD não é coisa tão urgente assim.

Também quero desistir da roupa nova que lhe pedi e dos sapatos. A minha roupa velha ainda está muito boa, e a mamãe vai fazer os remendos nos rasgões. E sapato sempre pode dar problema: às vezes ficam apertados, às vezes caem do pé... Prefiro continuar com meus tênis e o meu chinelo de dedo.

Ou seja: nada de Natal, Papai Noel. Para mim, nada de Natal. Agora, se o senhor for mesmo bonzinho e quiser nos dar algum presente, arranje um emprego para o meu pai. Ele ficará muito grato e nós também. Desejo ao senhor um Feliz Natal e um próspero Ano Novo."

**Moacyr Scliar** escreve às segundas, nesta coluna, um texto de ficção baseado em reportagens publicadas no jornal.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1912200502.htm>>. Acesso em: 17 set. 2014.